



**Entrevista:
Reza Deghati**

Natali Zarth

Shooting back – a câmera fotográfica como uma arma da paz

Natali Zarth *

Reza Deghati nasceu em Tabriz, a segunda maior cidade do Irã, em 26 de julho de 1952. Atualmente cidadão francês, tem trabalhos publicados nas mais prestigiosas revistas internacionais como *Time*, *Figaro*, *Vanity Fair*, *New York Times Magazine* e *National Geographic*, para a qual trabalha regularmente desde 1991, cobrindo, sobretudo guerras e conflitos sociais na Ásia, África e Europa. Respeitado internacionalmente, recebeu diversos prêmios por seu trabalho fotográfico e esforços humanitários, incluindo o título de *Chevalier de l'Ordre National du Mérite*, do governo francês, concedido a cidadãos que se destacaram – por serviços prestados – nas esferas pública e privada.

Em 1966, ainda estudante no Irã, começou a fotografar com uma câmera emprestada por seu pai. Ficou encantado com a possibilidade de registrar tudo o que via por um pequeno visor. Nascia, então, para o mundo, o fotógrafo “contador de histórias” e humanista Reza Deghati.

Anos mais tarde, em um mercado na cidade de Bandar Abbas, no Golfo Pérsico, presenciou uma senhora vendendo sobras de peixe. Ele a fotografou e, curioso, pediu-lhe que lhe contasse sua história. Ela ia ao local todos os dias para recolher os peixes desprezados e revendê-los por míseros centavos. Ainda assim, era obrigada a repassar 50% para os policiais que patrulhavam o mercado. Inconformado, publicou a história e as fotografias numa revista chamada *Parvaz*, palavra persa que significa voar. Contra todas suas expectativas, a publicação não trouxe os resultados esperados (resolver a problema da pobre mulher).

* Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Rádio e TV pela Universidade Metodista de São Paulo. Fotógrafa. Pós-graduanda em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina.

Pelo contrário, marcou seu primeiro encontro com a temida polícia secreta do Xá (rei), a *Savak*, que confiscou todos os exemplares, além de agredi-lo fisicamente e ameaçá-lo de morte. Esse episódio sinalizou o fim da inocência da infância e o começo de uma vida dedicada à documentação de injustiças sociais. À noite, revelava e ampliava as fotografias de denúncias sociais que havia tirado durante o dia e as expunha clandestinamente nas paredes da Universidade de Teerã, onde cursara arquitetura. Essa atitude provocou seu segundo encontro com a polícia, desta vez com conseqüências bem mais graves: foi preso, confinado em uma solitária e torturado por cinco meses. Ao fim desse período, foi transferido para outra prisão onde permaneceu mais três anos. Foi solto em 1978, às vésperas da eminente queda do Xá Mohamed Reza Pahlevi, em razão do movimento de oposição ao governo iniciado nas mesquitas e impulsionado pelo Aiatolá Ruhollah Khomeini que estava exilado havia 15 anos.

Em 1º de fevereiro de 1979 Khomeini voltou do exílio e comandou a revolução que derrubou a monarquia e proclamou a República Islâmica, com menos liberdade ainda para o povo iraniano, especialmente para a imprensa. Foi nessa época que Reza Deghati conheceu e aprendeu de perto o ofício do fotojornalismo com grandes fotógrafos como Marc Riboud, Don McCullin e David Burnett. A partir de então, passou a assinar apenas Reza, omitindo seu sobrenome, temeroso de que suas atividades dissidentes pudessem torná-lo, mais uma vez, vítima das autoridades iranianas.

Pouco adiantou. Com o crescente cerceamento à liberdade de imprensa, em 1981 abandonou sua terra natal e exilou-se em Paris. Em 1983, viajou em missão fotográfica a Beirute, no Líbano, e sofreu queimaduras nos pulmões devido à explosão de uma bomba. Aconselhado por seu médico a se recuperar nas montanhas, escolheu o Afeganistão, país vizinho do Irã. Lá conheceu o líder da resistência afegã, Ahmad Shah Massoud. Foi o início de uma amizade que durou mais de 17 anos, até o assassinado de Massoud, em 9 de setembro de 2001, por dois homens-bomba que se fizeram passar por jornalistas. Foi também o início de seu

envolvimento com o Afeganistão, que o tornaria, de 1989 a 1990, consultor de programas humanitários das Nações Unidas, e o levaria a criar em 2001, com a escritora francesa Rachel Deghati – sua esposa – uma organização não-governamental chamada *Aina* (espelho em persa), subdividida em departamentos como a Aina Filmes e a Aina Fotos, com o propósito de disseminar ideais humanitários e desenvolver uma mídia independente para a reconstrução do Afeganistão, através dos olhos dos próprios afegãos, sem interferências externas.

Em sete anos, a *Aina* e seus colaboradores lançaram oito revistas e o semanário *Kabul Weekly*, o primeiro jornal independente a ser publicado após a liberação do Afeganistão, com o propósito de promover a democracia e a defesa dos direitos humanos. Uma das revistas mais importantes da organização é a *Malalai*, em homenagem à mulher afegã, que se tornou símbolo de resistência contra invasores britânicos no final do século XIX. Segundo Reza, um dos principais motivos da fundação da *Aina* era dar suporte e treinamento a jovens mulheres para que se tornassem jornalistas, escrevessem e retratassem a situação das mulheres no Afeganistão, num processo de resgate do amor próprio e dignidade daquelas que tiveram sua identidade negada.

Quando o *Talibã* impôs suas leis, foram as mulheres que receberam as maiores punições. As suspeitas de adultério foram apedrejadas em público; não tinham permissão para estudar ou trabalhar; só podiam sair às ruas por motivo justificado – e assim mesmo acompanhadas de um parente do sexo masculino, e obrigadas a usar a *burca*, uma espécie de vestido de tecido grosso que cobre o corpo todo, inclusive o rosto.

Após os ataques de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos invadiram o Afeganistão, à procura de Osama Bin Laden e da Al Qaeda. Houve muitas vítimas civis, mas os norte-americanos conseguiram expulsar o *Talibã* de algumas regiões do país. Em Cabul, as leis impostas pelo regime extremista foram extintas e o presidente interino Hamid Karzai tornou-se responsável por uma administração transitória. As burcas foram banidas, algumas escolas reabriram, as mulheres puderam sair às ruas e trabalhar.

Outro projeto de grande importância da *Aina*, devido ao fato do grande segmento da população ser iletrada, é o *Movie Caravan*, o cinema itinerário que viajou por mais de 200 vilarejos no país e atingiu mais de um milhão de pessoas com filmes educacionais e informações sobre o governo. Em apenas sete anos de atividades foram produzidos quatro documentários, 30 filmes educativos e oito centros de mídia e cultura.

Como fotógrafo, Reza diz que não poderia escolher uma de suas fotografias como a favorita: “É como pedir a um pai para escolher seu filho preferido”. No entanto, a história por trás de uma fotografia tomada em 1992 ainda o sensibiliza. Ele estava em Sarajevo na época em que a cidade foi cercada pelos sérvios bósnios, quando viu uma menina de uns nove anos parada, frente a umas poucas bonecas expostas. Reza tirou fotografias e depois perguntou o que ela estava fazendo. Ela respondeu que estava vendendo suas bonecas para poder comprar pão para sua avó, que não comia havia três dias. Ele se propôs a comprar as bonecas. A garota pegou o dinheiro, hesitantemente deu-lhe as bonecas e seguiu seu caminho. O fotógrafo a chamou e ela, temerosa de que ele quisesse seu dinheiro de volta, o escondeu sob as roupas. Ele, então, colocou as bonecas no chão e começou a andar de costas, dando a entender sua intenção de devolver as bonecas, sem pegar o dinheiro de volta. Ela cautelosamente se aproximou das bonecas e, num gesto rápido, pegou-as e saiu correndo viela abaixo. “Se alguém pudesse entender como aquelas bonecas eram importantes e queridas para aquela garota, e que ela estava disposta a abrir mão delas para alimentar sua avó, conseguiria, então, entender o horror da guerra, melhor do que qualquer fotografia pode exprimir”.

Existe apenas um momento capaz de fazê-lo largar a câmera: quando alguém precisa de ajuda. Em muitas vezes Reza sentiu que sua presença física era mais importante do que a captura da imagem. Certa vez estava viajando pelo Afeganistão para a realização de uma reportagem quando um ônibus de refugiados explodiu a 200 metros de seu carro. Ele pegou sua câmera e, no momento em que ia fotografar, uma garota de uns seis anos correu em sua direção com os braços estendidos e lágrimas no rosto.

Ele largou a câmera, abraçou a menina e tentou acalmá-la. “Confortá-la era mais importante do que tirar a fotografia”.

Com seus gestos e registros fotográficos, Reza Deghati insistiu em buscar a beleza e a esperança por detrás da tragédia humana. “Por mais de 30 anos venho usando minha câmera como uma arma contra a guerra e a injustiça. Não esqueci como é estar separado da família, dos amigos e do lugar que se ama profundamente. Cada imagem que capturo torna-se parte da condição humana, conectando-nos através das mesmas emoções compartilhadas. O poder do bom jornalismo é como a chama de uma pequena vela. Não importa quão escuro o mundo se torne, a escuridão nunca conseguirá extinguir a luz”.



Reza Deghati
Foto: Ali Khaligh

Entrevista

Natali – Como o senhor se define na fotografia?

Reza – Eu me vejo como testemunha da humanidade, como um historiador, que usa imagens para contar histórias. Sou um contador de histórias, mais do que qualquer outra coisa. Me sinto mais atraído a contar as histórias das pessoas do que simplesmente fazer um trabalho fotojornalístico ou um fotodocumentário.

Natali – Quais foram suas influências em fotografia? O senhor tem em sua memória alguma fotografia de impacto que o ajudou a escolher sua carreira?

Reza – Na época em que comecei a fotografar eu não tinha acesso a revistas ou livros de fotografia. Os jornais e revistas iranianos publicavam pouco material fotográfico, portanto não tive mesmo acesso a isso. Tive muito contato com a pintura, no entanto. Miniaturas persas, por exemplo. Minha irmã era pintora, além disso havia uma pequena galeria de arte em Tabriz para onde eu costumava ir e ficar horas olhando para uma determinada pintura na vitrine, um quadro no qual se via um menino muito

pobre parado em frente à entrada de uma sala de aula, em que não estava autorizado a entrar. Essa é uma das pinturas que guardo na memória dos meus tempos de menino e que me marcou muito.

Natali – O senhor pode contar um pouco sobre sua família, formação e infância no Irã?

Reza – Nasci na cidade de Tabriz, no Irã, em uma família normal com uma tradição centenária de professores. Há dois aspectos importantes nos quais minha educação foi baseada, os da justiça e da liberdade, e lutar por ambas, em oposição a qualquer forma de ditadura. Minha infância foi normal. Eu amava ler. Comecei a ler muito cedo, aos quatro ou cinco anos de idade. Eu lia muitas histórias e poesias. Eu amo poesia. Toda a conexão que tínhamos com o mundo exterior se dava através do rádio. Não havia disponível muitas revistas, livros ou mesmo fotografias.

Natali – Como era a vida do senhor no ano de 1979, durante a Revolução?

Reza – Durante a Revolução Iraniana de 1979 eu havia acabado de sair da prisão. Vivíamos em uma condição complicada durante a Revolução. A vida não era fácil e eu estava apenas começando com a fotografia e não tinha suporte algum, quer seja através de revistas ou agências, ou apenas andando pelas ruas e fotografando. Não era uma vida fácil.

Natali – Se o senhor não se importar, poderia nos contar um pouco sobre o período em que passou na prisão?

Reza – Fui preso aos 23 anos de idade, passei três anos na prisão e só fui solto em 1978, um ano antes da Revolução. Nessa época eu tirava fotos da pobreza, da injustiça social no reinado do Xá (rei), e as expunha nos muros e paredes da Universidade de Teerã. Acredito que essa foi a primeira vez em que fotografias foram usadas dessa maneira para denunciar as injustiças e lutar contra a pobreza em meu país. Percebi o poder da fotografia nesse período, como as pessoas eram influenciadas de forma direta e efetiva por aquelas imagens. Nos primeiros cinco meses

de prisão fui colocado em uma solitária e torturado constantemente, de todas as formas possíveis, devido ao fato de não acreditarem que eu estava fazendo o que estava fazendo por conta própria. O pior momento, mais do que qualquer forma de tortura aplicada em mim, foi quando queimaram meus filmes e negativos. Eu ainda posso sentir o cheiro dos negativos queimando. Sempre.

Natali – Por que o senhor acredita no poder da fotografia de transformar a realidade?

Reza – A imagem tem um importante impacto no comportamento das pessoas. Imagem traz emoção, mais do que qualquer outro meio pode trazer, e emoção gera reflexão, questionamentos sobre o que está acontecendo, sobre aquilo que se viu. Acredito que a fotografia é uma linguagem universal que se tornou ou está se tornando a verdadeira linguagem da humanidade.

Natali – Qual era sua ideologia ao retratar a Revolução Iraniana de 1979?

Reza – Quando comecei a fotografar a Revolução Iraniana de 1979, não estava trabalhando para nenhuma agência fotográfica, estava fotografando por conta própria. Eu queria documentar o que estava acontecendo nas ruas nesse momento da Revolução. Na prisão conheci muita gente ligada a partidos políticos, esse fato me ajudou muito a achar meu próprio caminho. Além disso, conheci alguns fotojornalistas estrangeiros que também estavam fotografando a Revolução e nos tornamos amigos. Um deles foi Marc Riboud. Observá-lo, e a outros fotógrafos, foi a minha verdadeira escola. Por outro lado, eu tinha um diferente olhar em relação aos fatos que se desenrolavam por estar em meu próprio país, ser jovem, revolucionário, recém-liberto da prisão. Isso fez a grande diferença. Eu fotografava de maneira diferente dos outros, com meu próprio ponto de vista. Vendi minha primeira fotografia para a agência *France-Presse*. Comecei, então, a trabalhar para a agência francesa SIPA e paralelamente consegui um contrato que durou de 1979

a 1981 com a News Week, provavelmente o contrato mais longo que algum fotografo conseguiu por alguma matéria. Durante a guerra Irã-Iraque fui ferido e tive permissão de escapar – esse é o termo real – do país. E assim eu fui embora, devido a um machucado na mão esquerda.

Natali – Quando o senhor partiu do Irã? Alguma vez retornou ao país?

Reza – Eu parti no dia 25 de março de 1981, às 07h25m da manhã, do aeroporto de Teerã, e nunca mais retornei, embora tenha estado muitas vezes nas fronteiras. Até toquei o solo iraniano muitas vezes. Tenho também comigo uma pequena porção de terra que carrego em uma pequena caixa para manter o Irã sempre perto. É um gesto simbólico. O verdadeiro Irã pra mim está representado pela cultura iraniana, não é apenas uma porção de terra limitada por fronteiras, que nada significam para mim. A cultura iraniana se difundiu pelos últimos 2500 anos por áreas da Turquia, Paquistão, Índia, partes da China, enfim da Ásia central e do Oriente Médio, e são nesses lugares onde eu reencontro o Irã, onde eu sinto os aromas, os perfumes das rosas e dos jardins do meu país. Em qualquer lugar que eu vou, vejo algo que me leva de volta à minha terra natal. Por outro lado, em minhas viagens de avião tenho sobrevoado o Irã, e sempre que possível tiro fotos. Os registros mais recentes foram produzidos agora, em março de 2008, em uma viagem de Dubai a Paris, quando tirei fotos fantásticas das montanhas iranianas.

Natali – Como o senhor vê o atual governo iraniano?

Reza – Eu não confio nesse governo. Eles mostraram no passado que são capazes do pior, foram responsáveis pela morte de muitos intelectuais, jornalistas, escritores e poetas. Eu não confio neles e eles não gostam do trabalho que eu faço.

Natali – Vamos falar sobre o Afeganistão. Qual é a situação política atualmente e quais suas esperanças para o futuro do país?

Reza – Não apenas para o Afeganistão, mas para o resto do mundo, minha esperança é de continuar fazendo o que venho fazendo

e cada vez melhor, não apenas através da fotografia, mas também ajudando as pessoas a expandir e difundir seus trabalhos fotojornalísticos ou qualquer forma de jornalismo, para dar mais poder às pessoas, especialmente às mulheres, na mídia. Essa é uma das melhores coisas que poderiam acontecer no século 21. O Afeganistão está passando por uma fase muito difícil. A chamada força de coalizão não está conseguindo administrar o país, o governo tampouco e o Taliban já chegou novamente à capital, Cabul. Estão ocorrendo vários ataques suicidas e grande parte do país esta em suas mãos. Não existe solução militar para o Afeganistão. No entanto, devemos lembrar que embora ele seja um dos menores e mais pobres, provavelmente o mais pobre país do mundo, em toda sua historia, de Alexandre o Grande, passando pelo Império Persa, Genghis Khan, Império Britânico, chegando à União Soviética, nenhum deles foi capaz de conquistar o Afeganistão. Todos, sem exceção, perderam a guerra no Afeganistão, e o fato mais incrível é que quando perderam a guerra no Afeganistão, perderam também seus impérios. Essa é a principal característica desse povo. Eles nunca entregaram o país a estrangeiros. Eles resistiram e derrotaram os invasores. Minha esperança é que, educando as crianças através dos programas que já fazemos aqui, difundindo conhecimento, será possível trazer mudanças para a próxima geração.

Natali – Através do seu trabalho o senhor conheceu muitas pessoas importantes, como o líder da resistência afegã, Ahmad Shah Massoud, com quem manteve uma longa amizade até o momento em que ele foi assassinado em 2001. Qual foi o legado de Massoud para o mundo afegão?

Reza – Ahmad Shah Massoud foi uma dessas raras pessoas que aparecem em um país ou em uma região para ficarem marcadas na história da humanidade. Ele não estava apenas lutando pelo Afeganistão, estava lutando por um mundo melhor. Ele tinha alma de poeta, era um filósofo, um pensador, e sempre dizia: “eu sou obrigado a trajar essa roupa

militar”. Seu maior desejo era ser professor quando a guerra terminasse, mas infelizmente ele morreu sem realizar esse sonho. No entanto, seu maior legado, sua luta para construir um Afeganistão mais justo e humanitário, continua através de muitas pessoas próximas a ele. Se ele não tivesse sido assassinado, o Afeganistão e até mesmo o mundo seriam diferentes agora. Lembre-se que ele resistiu à Rússia, lutou contra os russos na década de 80. Foi o único homem capaz de derrotar o exército russo, ninguém tinha sido capaz disso até então. Os últimos soldados russos saíram do Afeganistão no dia 15 de fevereiro de 1989 e o muro de Berlim caiu apenas 10 meses depois, em novembro. Para mim, Massoud foi o homem que colocou abaixo o muro de Berlim, cujo significado foi o colapso da União Soviética, porque a derrota do exército russo mostrou aos países que faziam parte da União Soviética que eles não eram mais fortes o bastante. A primeira demonstração contra a Rússia começou em Baku, no Azerbaijão, após a derrota do exército russo no Afeganistão, e dali espalhou-se para os outros países que naquele momento faziam parte da União Soviética.

Natali – O senhor vive e trabalha entre o Ocidente e o Oriente, seja viajando para a realização de suas reportagens pelo mundo, seja entre sua vida particular e compromissos relativos a *Aina*, que o dividem entre as cidades de Paris e Cabul. Como essa questão opera em sua mente e influencia em seu trabalho?

Reza – Tenho andado pelo mundo por mais de 30 anos. Não apenas entre Ocidente e Oriente, mas pela humanidade, através do mundo inteiro. Tenho visto os extremos. A extrema pobreza, a extrema injustiça e também o outro lado, o da abundância. Viver entre extremos me leva a pensar que temos que procurar por um futuro melhor para a humanidade, que há possibilidade de dividir os bens entre todos, e não 80% dos bens sendo usufruídos por apenas 5% da população. Essa é a principal característica que eu tenho visto entre Ocidente e Oriente e tenho esperança de que um dia isso possa mudar, porque se não mudar, uma verdadeira revolução mundial mudará tudo. As pessoas que hoje vemos morrendo de fome, vagando por aí e com todos os

direitos negados em muitos países do mundo continuam da mesma maneira, e nossos direcionamentos, nossos objetivos, deveriam ser o de erradicar essas injustiças porque pobreza é injustiça.

Natali – Na fotografia, para o senhor, qual é a relação do observador com o observado?

Reza – Há uma teoria na física que diz que apenas ao observar um fenômeno influencia-se na evolução desse fenômeno. Acredito, então, que o fotógrafo influencia um lugar, uma ação. É impossível acreditar que minha presença não interfira de alguma maneira. Apenas por estar lá, as pessoas agem de maneira diferente, o ambiente torna-se outro. Este é um ponto. Outra maneira de olhar para essa pergunta me faz pensar que alguns observadores, alguns jornalistas, por exemplo, acreditam ser pessoas muito importantes, acreditam estar acima de qualquer um, e quando se encontram em uma situação em que há a relação observador/observado, colocam-se em um pedestal. Eles se referem às pessoas como “meu assunto, estão sujeitas a mim”. Eu me recuso a pensar que as pessoas que fotografo estão sujeitas a mim. Acredito que a melhor maneira de chegar à alma da história, de compreender realmente o que está acontecendo, é me colocando abaixo das pessoas que estou fotografando. Eu sou a poeira embaixo dos sapatos deles. É como eu me sinto: poeira embaixo dos sapatos. Acredito ser essa a única maneira de fazer que o observador entenda realmente o que está acontecendo em determinada situação, a única maneira de entender o observado. Colocando-se dessa maneira, os observados revelam sua alma a você, contam suas histórias. Se eles sentirem que você se coloca em uma posição superior a deles, nunca abrirão o coração, nunca revelarão o que se passa em suas almas.

Natali – Quais são os seus planos para o futuro?

Reza – Desejo continuar meu trabalho fotográfico como venho fazendo, contando histórias nas quais acredito. Meu outro plano para

o futuro é criar uma organização internacional nos mesmos moldes da *Aina*, ou seja, dar às pessoas, especialmente às crianças, acesso à educação. Uma das minhas metas é o desenvolvimento de formas alternativas de educação, usando imagens como ferramentas para o que eu chamo de educação visual informal, da mesma maneira que temos no Afeganistão com o cinema itinerário, por exemplo. Terminamos recentemente a primeira novela afegã para a televisão. O conceito é levar educação às pessoas através de imagens e histórias da própria cultura afegã. Tenho a esperança também de termos no futuro um mundo sem fronteiras, onde as pessoas não morrerão de fome e onde todos terão acesso à educação. A única coisa que se tornou global é o dinheiro, o capital. Espero, então, que um dia a justiça seja também global. Justiça global é uma das minhas esperanças para o futuro. Lembrei de uma frase, acredito de autoria de Che Guevara, que dizia que os verdadeiros revolucionários são sempre guiados por um profundo sentimento de amor.

Natali – Qual é a sua mensagem para o mundo?

Reza – Amor. Amor é a resposta para muitos problemas. Acabei de mencionar a frase do Che Guevara. As mais importantes e sábias pessoas do mundo sempre pregaram o amor. É provavelmente a melhor resposta para os problemas mundiais.